Capítulo 96

A descolonização afro-asiática e a emergência do Terceiro Mundo

A II Guerra Mundial trouxe numerosas transformações em todo o cenário mundial: a crise das economias européias, a ascensão dos Estados Unidos e da União Soviética, a disputa pela supremacia internacional entre essas duas potências, o conflito entre socialismo e capitalismo.

Mas uma das marcas mais significativas da nova situação internacional foi o surgimento de numerosas nações novas, como resultado do processo de descolonização — libertação das colônias da Ásia e da África das metrópoles colonialistas européias.

Na Ásia, as novas nações, todas elas muito atrasadas economicamente, se caracterizavam por um grande crescimento populacional. Exemplo disso são os dois países mais populosos do mundo: a Índia, que escolheu o caminho do capitalismo; e a China, que em 1949 fez sua revolução socialista liderada por Mao Tse-tung e implantou um governo comunista.

Como a Índia, a maior parte dos novos países asiáticos optou por não se alinhar nem ao lado da União Soviética nem ao lado dos Estados Unidos e seu bloco capitalista. As exceções foram o Vietnã, que se aproximou da China, e o Paquistão, a Tailândia e as Filipinas, que se ligaram aos Estados Unidos.

Na África, um processo de colonização iniciado no século XV englobou praticamente todo o continente. Na segunda metade do século XX, teve início um movimento de descolonização bastante rápido. De forma geral, após sua independência, os países africanos distanciaram-se das duas grandes potências — Estados Unidos e União Soviética —, passando a exercer, graças a seu grande número, influência crescente na ONU. Um desses momentos foi a admissão da República Popular da China como membro das Nações Unidas, em 1971, decidida basicamente pelo voto das nações africanas.

1. Ásia

A independência da Índia

A independência da Índia representou um dos momentos mais importantes de todo o processo de descolonização. A Índia era dominada pelos ingleses desde o século XVIII. Mas no final do século XIX, mais precisamente em 1885, teve início um movimento nacionalista, isto é, de oposição ao domínio britânico. Este movimento era encabeçado por alguns intelectuais cuja educação tinha sido favorecida pelos próprios ingleses.

A oposição nacionalista nada conseguiu até a Primeira Guerra Mundial. Finda esta guerra, no entanto, a Inglaterra estava muito enfraquecida economicamente e encontrava dificuldades para manter seu império colonial. As pressões para a independência cresciam cada vez mais.

Havia dois grandes grupos religiosos, e ao mesmo tempo políticos. Os hindus, que constituíam a maioria, e os muçulmanos, em menor número. Cada um desses grupos religiosos passou a formar organizações políticas próprias para lutar pela independência.

O principal grupo nacionalista era o *Partido do Congresso*, cujas origens remontavam ao movimento iniciado em 1885. O Partido do Congresso reunia partidários hindus. A partir da década de 20, uma figura carismática e de extraordinária liderança passou a destacar-se no seio do Partido do Congresso: Mohandas *Gandhi*.

Gandhi era um advogado que tinha estudado em Londres e iniciado sua militância política na África do Sul, onde viveu alguns anos e onde defendeu indianos vítimas de segregação racial. Tornou-se conhecido como o *Mahatma*, que significa "a grande alma", devido à inteligência e à coragem que demonstrou na luta contra os dominadores ingleses.

Gandhi concentrou sua luta sobretudo para que hindus e muçulmanos unissem suas forças para conseguirem juntos derrotar o inimigo colonialista. O grande líder reunia imensas massas de adeptos, que seguiam sua filosofia de *não-violência* e desobediência civil.

Um dos momentos culminantes do movimento pacifista de Gandhi ocorreu em 1930, quando fez com 79 seguidores a *Marcha do Sal*, de 400 quilômetros. Gandhi incentivava os indianos a não comprarem produtos britânicos, entre eles o

sal. No final da marcha, deu o exemplo produzindo ele mesmo um pouco de sal com água do mar, infringindo a lei britânica que proibia possuir o produto não comprado do governo. Acabou preso. Na ocasião, declarou:

"A honra da Índia foi simbolizada por um punhado de sal na mão de um homem da não-violência. O punho que contém o sal pode ser cortado, mas não largará o sal".

A coragem de Gandhi levou o físico Albert Einstein a defini-lo assim:

"As gerações futuras dificilmente acreditarão que um homem como ele já andou, em carne e osso, sobre a Terra".

Os grupos muçulmanos, por sua vez, se reuniam sob a bandeira da *Liga Muçulmana*, liderada por Mohamed Ali Jinnah. Eram constantes os choques entre os adeptos de Jinnah e os hindus. Os ingleses insuflavam as rivalidades entre os dois grupos, pois a divisão dos indianos retardaria o processo de independência.

Perante um movimento tão grande, tornava-se cada vez mais difícil aos ingleses manter o domínio colonial sobre a Índia. A situação da Inglaterra enfraqueceu-se mais ainda com as perdas sofridas na II Guerra Mundial. Mas ao mesmo tempo que a independência parecia cada vez mais próxima, mais cresciam as divergências entre os dois grupos religiosos. Os muçulmanos defendiam um país só para eles, separado dos hindus. Gandhi defendia ardorosamente a união de todo o subcontinente indiano num único Estado.

Diante de uma situação extremamente explosiva, a Inglaterra concedeu a independência à Índia. Era o dia 15 de agosto de 1947. Mas os fatos não ocorreram segundo os desejos de Gandhi, pois o país ficou dividido em dois: Índia e Paquistão. A Índia, com maioria hindu, ficou no centro e o Paquistão, com maioria muçulmana, ficou a leste e a oeste da Índia, formando o Paquistão Oriental e o Paquistão Ocidental, separados por mais de 1 700 quilômetros. A divisão foi seguida por deslocamentos de população e confrontos entre hindus e muçulmanos. Durante esses deslocamentos, conflitos sangrentos explodiram entre os dois grupos. Milhares de pessoas morreram; cidades e vilas foram destruídas. A violência culminou com o assassinato do próprio Gandhi por um extremista hindu, em 1948.

A ilha do Ceilão formou um terceiro Estado, budista, hoje chamado Sri Lanka.

Em 1971, o Paquistão Oriental separou-se do Paquistão Ocidental, com o apoio da Índia, passando a chamar-se Bangladesh.

Depois da independência, a Índia passou a fazer parte da Comunidade Britânica. Seu primeiro governante foi Jawaharlal Nehru, um dos líderes do grupo de países chamados não-alinhados. Através de planos qüinqüenais, procurou tirar o país de seu atraso secular, encontrando muita dificuldade para superar os tabus religiosos profundamente enraizados.

Nas décadas de 60 e 70, a Índia foi governada por Indira Gandhi, filha de Nehru. Mas os conflitos entre etnias e grupos religiosos continuaram acirrados. Em 1984, Indira Gandhi acabou assassinada por um membro de sua guarda pessoal, de origem *sikh*. E em 1991, o filho de Indira, Rajiv Gandhi, também foi assassinado.

Atualmente, a Índia tem quase um bilhão de habitantes, metade dos quais vive na mais absoluta miséria.

Outros países

Vários outros países asiáticos foram conquistando a independência no pós-guerra:

Sri Lanka (1948) — O antigo Ceilão passou a integrar a Comunidade Britânica.

Birmânia (1948) — Fora ocupada pelo Japão durante a II Guerra.

Laos (1949) — Dentro da União Francesa, adotou a monarquia como forma de governo. Nacionalistas comunistas fundaram o movimento *Pathet Lao*, que teve autorização para ocupar duas províncias no norte. Houve choques que envolveram americanos, russos e vietnamitas. Em 1975, a monarquia foi abolida e estabeleceu-se a República Popular do Laos, com o líder do Pathet Lao na presidência.

Camboja (1954) — Surgiu da desintegração do império colonial francês da Indochina. Protetorado desde 1863, constituiu-se em país neutro sob a monarquia do príncipe Norodom Sihanuk. Em 1970, o general Lon Nol, apoiado pelos EUA, depôs o príncipe. A ditadura sangrenta de Nol acabou em 1975, quando o grupo comunista

Khmer Vermelho tomou o poder. O poder ficou dividido entre Sihanuk e o revolucionário Pol Pot, ultracomunista; Pot aprisionou o príncipe e ensangüentou o país com massacres que reduziram a população à metade de seus 8 milhões de habitantes: um genocídio. O filme *Os Gritos do Silêncio*, de Roland Joffé, retratou a tragédia do Camboja, sem solução à vista. Vamos analisar essa tragédia com mais detalhes no capítulo referente à Ásia contemporânea.

Federação da Malásia (1957) — Formada por vários Estados, inclusive pela própria Malásia.

Tailândia — Antigo Sião; deixou de ser monarquia em 1932, quando um golpe implantou um regime militar. Apoiada pelos EUA, tornou-se sede da Organização do Tratado do Sudeste Asiático (Otase). Golpes e contragolpes sucedem-se no país, cada vez mais pressionado pelos comunistas que agem no Laos e no Camboja.

Indonésia — A Indonésia é formada por uma série muito grande de ilhas, alcançando uma extensão de cerca de 5 000 quilômetros.

Foram os portugueses, no século XVI, os primeiros europeus a chegar a essas ilhas. Mas foram logo depois suplantados pelos holandeses, com sua Companhia Holandesa das Índias Orientais. Os holandeses desenvolveram na região um sistema de exploração agrícola em larga escala — as *plantations*. Abriram também estradas e construíram portos.

A dominação holandesa não sofreu praticamente nenhuma resistência nos primeiros séculos de colonização.

As primeiras escolas e os primeiros hospitais foram construídos apenas na segunda metade do século XIX.

Assim como em diversas outras regiões da Ásia, a resistência contra os colonizadores partiu inicialmente da burguesia. Comerciantes nativos passaram a reivindicar liberdade de comércio e a criticar o monopólio mantido pelos holandeses na comercialização de produtos locais e importados.

Mas a resistência não era expressiva e a criação de algumas assembléias de representantes, com limitada participação no governo, abafava qualquer oposição mais forte.

O ano de 1927 constituiu um marco na luta pela independência da Indonésia. Naquele ano foi fundado o Partido Nacionalista Indonésio. Sua força, no entanto, demorou para se manifestar. Os 200 000 holandeses dominavam com mão de ferro a política e a economia do país. A Indonésia era então uma das mais sólidas colônias européias da Ásia. As primeiras manifestações organizadas de resistência — lideradas pelo engenheiro Ahmed Sukarno — foram duramente reprimidas.

Com o início da II Guerra Mundial, o país foi invadido e ocupado pelos japoneses. Terminada a guerra e expulsos os invasores, Sukarno aproveitou o momento para, à frente de um grande movimento popular, proclamar a independência e assumir o poder como presidente, em 17 de agosto de 1945.

A Holanda ainda fez uma tentativa de reocupar a antiga colônia, mas foi violentamente criticada pela opinião pública internacional. Diante disso, cedeu às pressões, sobretudo de ingleses e americanos, e a independência foi finalmente reconhecida em 1949.

A principal dificuldade enfrentada por Sukarno foi unir as numerosas comunidades espalhadas pelos milhares de ilhas. Três grandes forças se opunham: o Partido Nacionalista, o Partido Muçulmano e o Partido Comunista. Em 1959, diante de uma situação interna de desordem, Sukarno suspendeu a Constituição e instituiu um governo centralizado e autoritário. Com o crescimento da força dos comunistas, que ameaçavam tomar o poder, os militares deram um golpe de Estado em 1965 e destituíram Sukarno. Assumiu como ditador o general Suharto, cujo ato inicial de governo foi desencadear feroz repressão aos comunistas, deixando um saldo de cerca de 300 000 mortos.

Indochina — Indochina é o nome que se dava à região da Ásia hoje ocupada pelo Vietnã, Laos e Camboja.

Ao lado da Índia, a Indochina foi a região da Ásia onde os europeus tiveram uma presença mais intensa. As próprias características da região favoreciam essa presença. Diversas cadeias montanhosas formam, entre elas, vales por onde correm grandes rios. Ali é que se concentravam as populações, que viviam basicamente da agricultura e da pesca.

Uma grande parte dessa região foi ocupada pelos franceses a partir de 1859. Sua dominação se consolidou basicamente sobre a região ocupada hoje pelo Vietnã e Camboja. Na época, a corrida pelo domínio colonial por parte das metrópoles européias estava no auge. Elas procuravam matérias-primas para alimentar seus mercados, sobretudo produtos agrícolas tropicais e minérios.

Esse tipo de exploração em nada contribuía para a industrialização da região; a população local permanecia na miséria. A urbanização também era lenta. Diante disso, é lógico que a resistência à dominação colonial fosse praticamente nula. Ela só começou a se manifestar no início do século XX, com o surgimento de uma pequena burguesia local. A crise mundial de 1929 foi decisiva: camponeses e trabalhadores urbanos passaram a se agitar, comandados por líderes comunistas. Um desses líderes, que havia estudado na França, fundou em 1931 o Partido Comunista da Indochina. Seu nome: Ho Chi Minh.

Com a II Guerra Mundial, a região foi ocupada pelo Japão. Terminada a guerra, o clima era francamente favorável à independência. Livres do domínio japonês, os comunistas do Vietnã tomaram o poder no norte do país, criando em 1945 a República Democrática do Vietnã. Mas a França interveio novamente, tentando recuperar o controle da região. Recomeçou então a guerra entre vietnamitas do norte e franceses.

Os Estados Unidos passaram a apoiar a França, pois queriam evitar a expansão do comunismo na região. (Além do forte movimento liderado por Ho Chi Minh, a China caiu sob domínio comunista também, em 1949.) Foi criado então um Estado no sul do Vietnã, governado por vietnamitas ligados aos Estados Unidos.

No norte, o exército formado pelos franceses sofria um cerco cada vez mais intenso por parte dos combatentes de Ho Chi Minh. Finalmente, em 1954, com a queda da base de Dien Bien Phu, os franceses acabaram derrotados. Mas não era a vitória de todo o povo do Vietnã. A Conferência Internacional de Genebra decidiu pela divisão do Vietnã em dois países, no paralelo 17. Foram previstas eleições para 1956, as quais definiriam a unificação do país. Estas eleições não foram permitidas pelos Estados Unidos, pois as pesquisas indicavam com certeza que os comunistas sairiam vencedores.

Como resposta, os comunistas passaram a fazer oposição armada ao governo do sul, fato que deu origem à intervenção dos Estados Unidos e à *Guerra do Vietnã.*

2. África

A ocupação da África pelos europeus teve início na Antiguidade. Os romanos realizaram inúmeras incursões na faixa norte do continente africano em busca de produtos. As famosas guerras púnicas, contra Cartago, deram início à dominação romana sobre aquela importante região. Os próprios bárbaros chegaram a se estabelecer em alguns pontos do norte africano.

Depois de um longo período em que as atividades comerciais praticamente desapareceram na Europa (Idade Média), foram os portugueses, no século XV, que voltaram a se interessar pela África. Progressivamente, passaram a ocupar pontos cada vez mais ao sul do litoral africano, até o contorno do cabo da Boa Esperança e a viagem de Vasco da Gama, em 1498.

Os portugueses abriram as portas e outras nações européias, nos séculos seguintes, foram ocupando mais e mais áreas do interior africano. França, Inglaterra e Bélgica, além de Portugal, foram as principais potências colonialistas da África. Essa invasão culminou, na segunda metade do século XIX, com uma verdadeira corrida pela posse de domínios naquele continente, processo esse que recebeu o nome de *Partilha da África.*

As reações dos povos colonizados não começaram senão no início do século XX. Isso se explica em grande parte pelo fato de a dominação colonial ter desestruturado profundamente as sociedades africanas negras. Ao mesmo tempo que esses povos viam sua organização social sendo totalmente modificada pelos europeus, não lhes eram oferecidas condições para assimilar uma nova cultura. Praticamente não se construíam escolas, hospitais, indústrias. O objetivo primordial da ocupação era a extração de minérios e outros produtos naturais, além do desenvolvimento de uma agricultura voltada exclusivamente para a exportação.

Uma pequena elite local, formada por elementos escolhidos e às vezes educados na Europa,

servia na verdade para reforçar a presença do europeu. Além disso, as fronteiras estabelecidas pelas potências colonizadoras na África Negra não levaram em conta as diferenças tribais. Em muitos casos acabaram sendo reunidas, dentro de um mesmo país, tribos tradicionalmente inimigas. A tremenda exploração econômica também nada fez no sentido de promover a integração racial; ao contrário, a segregação racial agravou-se.

As principais lutas

Como vimos acima, somente no início do século XX é que começaram as primeiras manifestações anticolonialistas na África. Mas foram expressões extremamente fracas, facilmente reprimidas pelas metrópoles.

Uma luta mais intensa pela independência passou a ocorrer após a II Guerra Mundial. De maneira geral, foi uma luta pacífica e a independência se deu por meio de negociações, sobretudo nas colônias inglesas.

Houve dois casos, no entanto, em que a independência foi conseguida somente pela guerra: o caso da Argélia e o do Congo Belga, hoje Zaire.

A Guerra da Argélia (1954-1962) – A Argélia é um país desértico. Apenas 20% do seu território não pertence ao deserto do Saara, que se estende para o sul. A parte verde, na orla do Mediterrâneo, concentra a maioria da população. Ao longo dos séculos, fenícios, cartagineses, romanos e bárbaros vândalos ocuparam a região. Com a expansão do islamismo, a partir do século VIII, a Argélia tornou-se um país muçulmano.

Durante mil anos a região ficou fora das ambições colonialistas. Mas na metade do século XIX, a França viu na Argélia uma oportunidade de exploração econômica e a ocupou. Por cem anos, a dominação francesa foi tranqüila. Mais de um milhão de franceses ou de seus descendentes (chamados de "pés-negros") viviam na Argélia no final da II Guerra Mundial. Foi no final desse conflito que a situação na Argélia começou a mudar.

O desejo de independência, expresso de forma cada vez mais intensa pelos argelinos, passou a se chocar com a categórica negativa da França em atendê-lo. A evolução dessa situação levou a um processo dramático e sangrento — a *Guerra da Argélia* —, mas que resultou na independência do país.

Em novembro de 1954, diante da recusa do governo francês em negociar, o principal movimento nacionalista, a Frente de Libertação Nacional, desencadeou uma insurreição geral, acompanhada de sabotagens e atos terroristas. Mais de 400 000 soldados franceses tentavam sufocar o movimento. Assassinatos e tortura eram usados em larga escala pelos franceses. A opinião pública da França começou a voltar-se contra o governo.

Em 1958 a situação era extremamente grave. Internamente, a França passava por um processo político delicado. Grande parte dos franceses passou a apelar ao general De Gaulle, herói da resistência contra a ocupação nazista na II Guerra Mundial, que assumisse o governo, o que de fato aconteceu. De Gaulle tratou imediatamente de negociar a independência da Argélia. Mas os franceses argelinos não queriam deixar o país. Mesmo contra a vontade deles, De Gaulle reconheceu a independência da colônia. Quatro generais franceses sediados na Argélia deram um golpe e tomaram o poder. Após demoradas e difíceis negociações entre o governo francês, os líderes da Frente de Libertação Nacional e os franceses da colônia, a independência foi finalmente concedida, em março de 1962. Nos meses seguintes, mais de um milhão de franceses deixaram o país.

O poder foi assumido pela Frente de Libertação Nacional, cujo líder máximo era Ben Bella.

A Guerra do Congo (1960-1967) – O conflito de que se vai tratar neste item se refere ao atual Zaire, um dos países mais extensos da África, situado ao norte de Angola, na parte centro-ocidental do continente. O nome Zaire foi dado recentemente. A região era denominada Reino do Congo desde a época em que os portugueses desembarcaram no seu litoral, no século XV. Incluía também a atual Angola e era local de busca e captura de escravos bantos.

A ocupação européia iniciou-se em meados do século XIX, quando o explorador inglês Henry Stanley percorreu grande parte do curso do rio Congo. Stanley prestava serviços ao rei da Bélgica. Graças aos conhecimentos fornecidos pelo inglês, os belgas puderam iniciar a penetração no território, facilitada pela navegabilidade do grande rio. As atividades desenvolvidas pelos belgas eram em grande parte comerciais.

No processo de partilha da África, graças a uma determinação da Conferência de Berlim de 1885, o Congo tornou-se uma possessão pessoal do rei Leopoldo II, da Bélgica. A exploração do território continuou sem maiores problemas até meados do século XX. Na década de 50, um líder nacionalista começou a se impor: Patrice Lumumba. Formado em Moscou, Lumumba tornou-se extremamente popular e seu movimento pela independência do país foi crescendo continuamente. Em 1960, de maneira totalmente inesperada, os belgas decidiram retirar-se. Sem preparação prévia para assumir o governo, a liderança nativa teve dificuldades para organizar-se. Lumumba assumiu como primeiro-ministro e Joseph Kasavubu, como presidente. Muitos europeus deixaram o país.

Um mês depois da independência, no entanto, uma rebelião explodiu na província de Katanga. O movimento rebelde era comandado por Moise Tshombe, apoiado e financiado por empresas ocidentais, assustadas com a tendência nacionalista e socialista de Lumumba. Tentando conciliar, Kasavubu afastou Lumumba do governo. Ao procurar apoio popular para voltar ao governo, Lumumba foi seqüestrado e entregue aos rebeldes de Katanga, onde foi assassinado. É um dos principais símbolos da luta anticolonialista africana.

A ONU então enviou tropas para evitar uma guerra civil. Em 1964 as tropas se retiraram, pois a região estava pacificada. Mas de surpresa Tshombe, que tinha fugido, voltou e tentou assumir o governo. Contava com o apoio de governos ocidentais. Uma rebelião de partidários de Lumumba foi rapidamente esmagada, com muito derramamento de sangue. Em julho de 1965, um novo personagem interveio: o general Joseph Mobutu, que deu um golpe de Estado pró-ocidental e implantou uma ditadura que permanece até hoje.

Em 1971 o nome do país foi mudado para Zaire.

As várias Áfricas

De modo geral, ao sul do Saara a luta pela independência deu-se de forma pacífica. Houve violência, sempre causada pela intransigência das metrópoles, no ex-Congo Belga, como acabamos de ver, em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Namíbia, entre outros.

África inglesa – Um dos primeiros países africanos a ganhar sua independência foi o **Egito**. Ocupado pelos ingleses desde 1882, o país declarou sua independência em 1922, adotando o regime monárquico. A monarquia foi derrubada em 1952 por um grupo de jovens oficiais do exército, liderados por Gamal Abdel Nasser.

Em 1957, a Inglaterra concedeu independência a **Gana**, depois do movimento pacífico conduzido por Kwame Nkrumah, primeiro presidente, deposto em 1966 por um golpe militar. Em 1972, novo golpe conduz ao poder o coronel Acheampong, representante do Conselho de Renovação Nacional.

A Federação da Nigéria, formada em 1954, congregou tribos e regiões distintas. Em 1961, **Camarões do Sul** separou-se e a **Nigéria** se tornaria uma república, com dificuldades até 1965. Em 1967, a região oriental se proclamou a **República de Biafra** e seguiu-se violenta guerra civil.

Serra Leoa e **Gâmbia** conseguiram a independência em 1961 e 1965, sem crises graves. Mas no **Quênia**, a revolta da tribo Mau-Mau contra os ingleses provocou sangrenta guerra, com milhares de mortos. A independência veio em 1963. No centro-sul do continente, os ingleses conseguiram defender seus interesses até 1963; seguiu-se então a independência da Rodésia do Norte, como **Zâmbia**, e da Niassalândia, como **Malawi**. Tanganica, independente em 1961, uniu-se a Zanzibar e deu origem à **Tanzânia** em 1964. Em **Uganda**, independente em 1963, a antiga aristocracia de Buganda conservou seus privilégios, o que provocou conflito interno em 1966.

África francesa – Os franceses haviam desenvolvido uma política de assimilação dos nativos, visando criar nas colônias uma elite afrancesada, com os privilégios de cidadãos franceses, e uma massa de explorados. A ajuda prestada pelas colônias durante a II Guerra levou o general De Gaulle a assumir posição favorável a elas. A *Confederação de Brazzaville*, em 1944, reuniu governadores coloniais e insistiu na concessão de maior representatividade às colônias no Parlamento francês; mas afirmou a restrição à evolução fora do império francês e negou o estabelecimento de governo autônomo. Em 1946, a França teve de ceder. A Constituição francesa deu às colônias direito de representatividade, criando assembléias locais eleitas por um colégio eleitoral duplo, for-

mado de colonos franceses e políticos locais. Mas a França não conseguiu manter suas colônias.

África portuguesa – O império colonial português foi o último a desintegrar-se na África. Na década de 1960, os movimentos separatistas eclodiram em três colônias: Angola, Guiné e Moçambique.

Em Angola, destacaram-se o MPLA de Agostinho Neto, a Unita de Jonas Savimbi, e a FNLA de Holden Roberto. Na Guiné, organizou-se o PAIGC de Amílcar Cabral. Em Moçambique, surgiu a Frelimo de Eduardo Mondlane.

Liquidado o Estado salazarista em 1974, inaugurou-se nova política em relação às colônias. Portugal buscou acordos para a emancipação. Em 1974, ficou independente a **Guiné-Bissau**. No ano seguinte, **Moçambique**. A deterioração das relações entre Portugal e **Angola** deixou a antiga colônia entregue à luta entre grupos rivais, que terminou com a vitória de Agostinho Neto, do MPLA, apoiado por forças cubanas. Portugal ganhou um problema: o dos *retornados*, os colonos portugueses fugidos de Angola, de volta à pátria.

Com a independência de **Cabo Verde**, **São Tomé e Príncipe**, na África, e de **Timor**, na Ásia, teve fim o que restava do império colonial português. Timor acabou ocupada pela Indonésia.

3. O Terceiro Mundo

Foi o surgimento desses numerosos países afro-asiáticos que, após a II Guerra, deu origem ao grupo de nações neutras, sem alinhamento com o bloco socialista ou o capitalista: o Terceiro Mundo. Tais nações, reunidas em abril de 1955 em *Bandung*, Indonésia, afirmaram o desejo de compartilhar assuntos internacionais e se recusaram a participar da divisão do mundo em dois sistemas sociais antagônicos.

Bandung representou o início de estreita cooperação dos neutros com os países afro-asiáticos na luta contra o colonialismo. Condenaram a segregação racial, proclamaram o direito de cada povo seguir seu próprio destino, propuseram o desarmamento e a proibição de armas nucleares e afirmaram a necessidade de solucionar os conflitos por vias pacíficas.

Em 1956, o presidente iugoslavo, Tito, o ministro indiano, Nehru, e o presidente egípcio, Nasser, confirmaram Bandung. A ação tornou-se mais eficiente na ONU, na qual os países do Terceiro Mundo passaram a ser maioria e a contrabalançar a hegemonia das grandes potências.

Em 1979, em *Cuba*, a reunião dos não-alinhados terminou em impasse, pois a anfitriã propôs que os países da organização se considerassem aliados naturais da URSS.

Hoje, a expressão *Terceiro Mundo* costuma designar todos os *países não desenvolvidos*.

Questões propostas

1. Compare: descolonização das Américas no século XVIII e descolonização afro-asiática no século XX.

2. Por que a independência da Índia representou um dos momentos mais significativos do processo de descolonização?

3. Quem encabeçou o movimento de independência da Índia a partir da década de 20? O que distinguia sua causa?

4. Qual foi o principal resultado do processo de independência do subcontinente indiano?

5. Quem liderou o processo de independência da Indonésia e qual foi seu desfecho?

6. Que figura se destacou no processo de independência da Indochina? Qual foi o resultado desse processo?

7. Quais foram os dois movimentos de independência que resultaram em guerra civil na África?

8. Como emergiu o Terceiro Mundo? Que conseqüência trouxe para a composição de forças mundiais? O que significa hoje a expressão Terceiro Mundo?